

CARTILHA “UMA DOCÊNCIA ALFABETIZADORA”: UM MATERIAL DIDÁTICO QUE ATRAVESSA A CONSTITUIÇÃO DOCENTE COM FIOS EM ARTES E CIÊNCIAS

CUADERNILLO "UNA ENSEÑANZA ALFABETIZACIÓN": UN MATERIAL DIDÁCTICO QUE CRUZA LA CONSTITUCIÓN DOCENTE CON HILOS EN LAS ARTES Y LAS CIENCIAS

RESUMO

Durante a trajetória acadêmica vivida na graduação em Licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, desenvolvemos projetos de Iniciação Científica (IC) e posteriormente, emergiu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Pensamos: Que atravessamentos no ensino de ciências obtive para potencializar a (re)criação de uma docência alfabetizadora pautada no cuidado de si? Produzimos uma cartilha como semente desta docência alinhada à Filosofia da diferença, em especial, o cuidado de si em Michel Foucault, dialogando com a ferramenta derridiana da desconstrução. Foi possível materializar estranhamentos quanto a caminhos percorridos e darmos espaços aos desvios. Para a leitura da cartilha, se faz necessário ajustes de lentes, para tornar o ato de repetição na diferença e alcançarmos modos de viver, sentir e multiplicar processos de leitura e escrita pelos fios da arte e de ciências.

Palavras-chave: Docência; alfabetização; Ciências.

Eixo temático: 2. Estratégias, materiais e recursos didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Materiais didáticos.

RESUMEN

Durante la trayectoria académica vivida en la licenciatura en Pedagogía, en la Universidad del Estado de Amazonas – UEA, desarrollamos proyectos de Iniciación Científica (IC) y posteriormente, surgió el Trabajo de Conclusión de Curso (TCC). Pensamos: ¿Qué cruces en la enseñanza de la ciencia obtuve para potenciar la (re)creación

de uma enseñanza de la lectoescritura basada en el autocuidado? Hicimos un folleto como semilla de esta enseñanza alineada con la filosofía de la diferencia, en particular, El cuidado de sí mismo em Michel Foucault, dialogando con la herramienta derrideana de la deconstrucción. Era posible materializar la extrañeza respecto a los caminos tomados y dar espacio a los desvíos. Para leer el cuadernillo es necesario ajustar los lentes, hacer que el acto de repetir marque la diferencia y lograr formas de vivir, sentir y ver procesos de lectura y escritura.

Palabras clave: Enseñanza; alfabetismo; ciencia

Eje temático: 2. Estrategias, materiales y recursos didácticos para la Enseñanza de las Ciencias y la Biología

Modalidad: Material didáctico

Atravessamentos constituintes de uma docência alfabetizadora

O caminho trilhado para a construção desta cartilha se deu no desenvolvimento dos estudos nas Iniciações Científicas. Desde os anos iniciais da graduação, já havia o interesse em participar de pesquisas científicas. A primeira IC (Edição PAIC-UEA 2020-2021), se intitulava “Um olhar sobre a alfabetização à luz dos trabalhos de conclusão do Curso de pedagogia da UEA”, inicialmente teve um caráter qualitativo com um estudo bibliográfico de autores referência quanto a alfabetização no Brasil, entre os quais citamos: Magda Soares (2004), Emília Ferreiro (2011), e Paulo Freire (2002). O passo seguinte foi uma pesquisa documental dos trabalhos de conclusão de curso da Pedagogia entre os anos de 2010 até 2020 disponíveis no repositório da Universidade.

O segundo projeto de IC (Edição PAIC-UEA 2021-2022), tinha o título “O cuidado de si na constituição de uma professora alfabetizadora”, no qual realizamos leituras sobre o cuidado de si e buscamos relação com acontecimentos formativos de uma professora alfabetizadora em formação. Começamos o estudo exploratório das ideias de Michel Foucault e buscamos articulação teórica com as compreensões do primeiro PAIC.

O terceiro projeto de IC (Edição PAIC-UEA 2022-2023) se chamou “O cuidado de si e uma docência alfabetizadora” com o qual buscamos uma compreensão acerca da constituição de uma docência alfabetizadora frente ao cuidado de si no processo de estagiar. Seguimos ainda com ferramentas foucaultianas e articulamos a leituras deleuze-guattarianas para constituição de uma ideia de docência alfabetizadora atravessada pela arte.

Neste momento, o estágio supervisionado me possibilitou uma aproximação com o ensino de ciências na prática. Em paralelo a isso, na sala de aula da graduação, tive o encontro com disciplinas que tratavam de metodologias para o ensino de ciências, enfatizando a importância de um ensino que respeita a subjetividade, conectado a vida, natureza e arte. Com isso, o planejamento e desenvolvimento da aula de atuação docente me possibilitou trazer pertencimento para os alunos, com as lendas amazônicas, natureza e preservação da floresta como temática principal.

Se faz necessário passar a desconfiar das supostas verdades e modos corretos de como fazer, para acolher a ideia de que a vida está em constante movimento. É neste contexto, de conexão com a vida, que mobilizamos a abranger os discursos científicos, social, ancestral (sabedoria indígena, amazônica...) Onde nem sempre o olhar direcionado somente para dentro do documento curricular, com metodologias de avaliações em uma estrutura engessada, sem formas criativas, é a receita única de uma docência. Os processos alfabetizadores, os textos, os métodos e as atividades carregam em si traços. O convite é estarmos em constante (des)construção, passar do ato de repetição a momentos de criação e a cada momento (re)criar essa docência alfabetizadora.

O TCC foi intitulado “AlfabetizArte-se: O cuidado de si e uma docência alfabetizadora”, O objetivo geral era compreender como se constitui uma docência alfabetizadora frente ao cuidado de si, a luz da filosofia da diferença, especialmente em composições deleuze-guattarianas (2006), que envolvem em repetir os atos, onde a cada repetição cria-se uma potência infinita. Naquele momento de composição do pensamento na pesquisa, foi necessário encontrar a singularidade na repetição, para virar criação, sendo uma expressão do devir, do acontecimento. Por isso, tomamos o acontecimento como uma "irrupção de uma singularidade histórica", no qual repetimos

os acontecimentos sem saber e buscamos uma "ruptura acontecimental" (FOUCAULT *apud* REVEL, 2011, p. 62).

Com esta trajetória, priorizamos tornar visível e concreto o estranhamento sobre o que aprendemos e fazemos ao ensinar as crianças, passando da premissa de que é necessário decorar para aprender, sem ter qualquer significado ao sujeito. Então, para corporificar os estudos das IC's e o TCC pensamos: Que atravessamentos no ensino de ciências obtive para potencializar a (re)criação de uma docência alfabetizadora pautada no cuidado de si? Na primeira seção, apresentaremos os entendimentos conceituais da ferramenta do cuidado de si, em especial de Michel Foucault, dialogando com a ferramenta de Jacques Derrida, desconstrução. Para então, dar espaço a criação, evidenciando a materialização desta docência, em formato de cartilha.

Ferramentas para criação docente

O estudo pautou-se na filosofia da diferença, apoiada na ferramenta do cuidado de si. Foucault (1985), destaca ocupar-se consigo mesmo sem afastar-se dos cuidados com nossa própria existência. A reflexão dos acontecimentos que cercam o cuidado de si, envolvem a prática de si como obra de arte viva, na qual esse cuidado se torna uma forma de atenção, de olhar, de converter o olhar do exterior para si mesmo (GOMES; FERRARI; LEMOS, 2018).

Esta ferramenta colabora com a reflexão dessa professora que está em constante formação, quando implica em nosso modo de nos ver, nos tornando atenta ao próprio pensamento e ao que se passa nele, seja em relação ao professorar nas aulas de ciências da natureza, para ver o que chama atenção das crianças ou ao alfabetizar, os obstáculos que são necessários passar, além de olhar própria existência, pensando o que nos potencializa enquanto sujeitos no mundo.

A ferramenta do cuidado de si se constitui potente, pois se insere na história do pensamento como uma maneira de constituir subjetividade, significando dar-se conta de sua própria conduta para consigo e com os outros, constituindo uma postura ética e autônoma que assume o controle de si (Foucault, 2010). Com esse conjunto de reflexões nasce a possibilidade de uma constituição de si, que é o governo de si, este se forma em

uma escolha sobre aquilo que ficamos e tomamos como nosso e aquilo que optamos por deixar.

Observamos que essa ferramenta nos possibilita relacionar a docência, uma vez que, ao possibilitarmos a aprendizagens em sala de aula, as necessidades de compreensão de conteúdo, o docente cuida do outro subsidiando processos para que os estudantes tomem posse de si, dos conhecimentos e práticas. Nas aulas de ciências da natureza, quanto a escrita e leitura, a compreensão do fazer, visando além da decodificação, mas para trazer pertencimento.

Assim, o cuidado de si é uma prática para toda a vida, uma forma de vida, eles nos fazem sinal e são sentidos na hora, desenvolvem uma noção das ações, de como nos colocamos no mundo, o que nos atravessa e a potência se cria, em uma retomada de estarmos abertos às múltiplas dimensões de existência (Andrade, 2018).

É necessário multiplicar os sentidos, ouvindo, vendo, vivendo-a. A relação construída com a ferramenta do cuidado de si, nos traz lentes para esse entendimento, potencializando a semente docente para uma semeadura. Freitas (2010) nos aponta que, Foucault quando estudou as práticas do cuidado de si, identificou que é uma potência instituinte imante a vida, na educação ela é experienciada como fundamental na prática da liberdade. Entendendo que os sujeitos são singulares, como docentes, temos que nos comprometer em vê-los em sua totalidade, não mecanizados.

Vivenciar à docência em períodos de estágios supervisionados em creches, escolas e abrigos, assim como visitas técnicas em museus, escolas indígenas e outros espaços formativos em que a educação, o ensino de ciências está inserido, nos fazem (re)pensar constantemente aquilo que está sendo posto e o que queremos (re)tomar como docentes. Surgem conflitos internos, pois perpassam em nossas mentes tudo o que vivemos em nosso próprio período escolar e agora como docentes, questionamo-nos a todo momento.

O cuidado de si, constui-se como um limite ético, pois não nos ocupamos inteiramente pelas atividades voltadas ao processo, podendo haver reflexões para outros modos de olhar e se (re)constituir. Fideliza-se então, um compromisso que supere os automatismos do cotidiano, sem amarras, apenas espaços para rasuras, borramentos, (des)constituições. Podemos ser nesta formação, nos imaginar como regadores

entreabertos e filtrarmos o que fica, como possibilidade de (des)construção de si. Deste governo de si.

Uma docência alinhada à criação nos possibilita multiplicação de sentidos do aprender a ler e escrever. As leituras e escritas (des)construídas aproximam ainda mais a possibilidade de um professorar outro, capaz de (des)construir processos. Sendo assim, a ferramenta da desconstrução de Jacques Derrida também nos provoca, estranhamentos ao interrogar incansavelmente diferentes discursos, e nos ajuda na constituição do professorar, pois pretende decomposição. Nesse encontro com a filosofia, fugimos de verdades e certezas, e buscamos “[...]exercícios de pensamento, exercícios que, por sua vez, nos façam pensar ainda mais. Exercícios de pensamento que implicam um devir, um processo, um movimento” (Gallo, 2008, p. 53). Consideramos que a vida pode ser traduzida como processo de criação (Corazza, 2014). A (des)construção muitas vezes operará neste terreno da duplicidade, é frequente vermos “por um lado e por outro”, “nenhum lado e nem o outro”, evidenciando a necessidade de pensarmos diferente, problematizando. Sendo necessário assim, “[...] marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior àquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante e idealizante da oposição em questão e, de outro...” (DERRIDA, 2001, p.48-49).

A desconstrução também nos permite interrogar. Ao lermos um texto de maneira desconstrutivista nós podemos questionar o que pode ter ficado oculto. Sendo assim a desconstrução é o que acontece, o que se passa e o que se chega. O que acontece mesmo sem percebermos, fazendo uma leitura crítica. "A desconstrução tem sido variadamente apresentada como uma posição filosófica, uma estratégia política ou intelectual e um modo de leitura" (Culler, 1997, p.99).

Tudo o que se diz desconstrução para Derrida, passa pela tradução. Não no sentido de traduzir um texto para outra língua. Para ele a “tradução é uma metáfora de leitura sendo que a desconstrução é uma leitura - tradução de textos da tradução ocidental.” (Ferreira, Ottoni, 2006, p.32). Em outras palavras, significaria, portanto, dar-se conta do processo em geral que independe de sujeitos históricos, mas que, de forma paradoxal, só existe através deles. Essa metáfora tradutória, uma vez atravessada no

indivíduo, é capaz de fazer parte de um corpo, que tem desejos, pulsações, indo para seu sistema pessoal de vida, fazendo parte de sua biografia.

Traduzir passa a ser essa distribuição de paixões, motivações de um corpo que é vivo e está em constante mudança. Esta cartilha se movimenta com este sentido, de existir através de nós sujeitos escritores, para trazer possibilidades de multiplicações para docentes leitores, obtendo assim (re)criações deste fazer. Novas lentes, para enxergar e ferramentas para caminharmos em uma tentativa ininterrupta de aperfeiçoamento e cuidado a esta docência (re)criadora em atos alfabetizadores do si. Transformar é um ato de decisão, pois implicará escolhas.

Na desconstrução, as decisões precisam ser aporéticas, apenas com certezas prévias, nada se decide no início, os caminhos se tornam bifurcados de modo que nenhum deles é o melhor, o correto, mas sim meios, a decisão se faz por meio do outro, do modo como esse outro "atua" em mim, deixando a marca eu rastro ou vestígio (2001). Um limite é aquilo mesmo que não se toca, que faz pensar'' (Ferreira, Ottoni, 2006, p.36).

A criação nem sempre é fácil. Na Filosofia da diferença deleuziana, as subjetivações norteiam os pensamentos e podem constituir linhas variadas, essas linhas também compõe outras linhas, podem tomar algumas emprestadas e criar outras. A cartilha movimenta-se nesta invenção, pois ressignifica a minha docência alfabetizadora, possibilitando inspirar-me em acontecimentos que acometem durante experiências, fazendo parte de uma desconstrução curricular, evidenciando que tudo vai muito além de leituras teóricas, planos de aula, documentos e currículo. Busca implodir e radicalizar aquilo que já foi de significado, e fazer aparecer o que não estava ainda significado, dando espaço a multiplicidade quanto professora que também cumpre outros papéis dentro de sala e fora dela, sendo investigadora, pesquisadora, escritora, onde muito começou – se com a alfabetização.

AlfabetizArte-se: uma docência em desconstrução no ensino ciências

Reconhecemos que como docentes parte de nós é habitado por ideias e afetos que nos capturam na vida. Visto que, no cotidiano precisamos acolher os gostos, os sons, emoções para nos conectarmos com o mundo infância das crianças e os ditos conteúdos científicos.

Rememoramos nossos próprios processos de descobertas através das brincadeiras, das pinturas, da aprendizagem, tudo que instiga a curiosidade. Atravessamos vidas que estão no seu ato inicial e a leitura sendo uma fonte inesgotável de conhecimento, propicia nutrir a vida, onde a escrita é narrar a própria vida em movimento.

Durante o processo de estudo vivido nas IC's, simultaneamente com a graduação e disciplina curricular de estágio supervisionado, sendo necessário realizar um plano de atuação pedagógica ao final, percebemos aquele momento como constituinte na formação docente. Nas observações realizadas durante um período, houve a necessidade de olhar esse mundo infância de modo mais sensível. As aulas de ciências da natureza, sempre propiciaram um momento que poderia haver muitas participações, mas que por existir certa dificuldade por parte dos alunos no entendimento do conteúdo abordado, não se sentiam capazes de realizar as atividades que eram propostas.

Esta dificuldade era vista como desinteresse no processo de aprendizagem. Em uma certa aula era necessário identificar o nome dos animais aquáticos e escrevê-los. O animal e palavra “golfinho” foi confundido ao associá-lo com “boto-cor-de-rosa” um animal nativo da região norte e muito conhecido por sua lenda amazônica. Freire (1989) que destaca a necessidade de passar pela apropriação da “palavra Mundo” e esse mundo se referia ao mundo do educando. Incomodando-me com isso, penso no plano de atuação pedagógica que parte de uma tentativa de aproximação com o mundo dessa criança que está em fase de alfabetização, que gosta de ouvir histórias de mistério e é do Amazonas. Assim chegamos ao tema “Lendas Amazônicas” como guia da atuação.

O plano teve caráter interdisciplinar, destacando o gênero textual lendas, suas características e quais eram conhecidas por eles. Enfatizando também que são narrativas transmitidas oralmente e que colaboram para explicação de fenômenos naturais e sobrenaturais, crenças indígenas e imaginário. Ao final, realizamos uma produção com contos e imaginários da turma através de desenhos (trans)formamos em um livro assinado pela turma. As crianças tiveram protagonismo nesse entrelaçamento de uma docência alfabetizadora com o ensino de ciências.

Estando entrelaçada com a arte, como docente vejo que a arte e as ciências são como margens de um mesmo rio (chaves, 2020). Uma ciência que vai além de um currículo, de

um documento oficial, ela está conectada a natureza, as vivências cotidianas, ao saber popular, as experimentações, pois para se experimentar algo precisamos fazer de corpo inteiro, este corpo se movimenta, dança, é artista e não está repartido de qualquer jurisdição.

Ao refletir sobre a ideia de (Chaves, 2020) que todo cientista tem algum talento artístico escondido, podendo ser a fotografia, o desenho, a música, a escrita, a criação de algo novo. Em nosso caso, começamos com uma biocolagem intitulada “AlfabetizArte-se” (Figura 01). Obra que resultou desses três projetos de IC na relação com estudos no grupo de pesquisa Vidar em In-Tensões e os componentes Estágio Curricular II e Ciências Naturais na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O emaranhado trata da atuação pedagógica vivida, na qual voltamos o olhar às questões de alfabetização, a uma educação sensível ao corpo-criança, ciências e artes. Entendemos esse momento como uma materialização docente com o cuidado de si, fazendo surgir um olhar atento ao desejo da criança, que brinca, vive, dança, canta, grita, se movimenta.

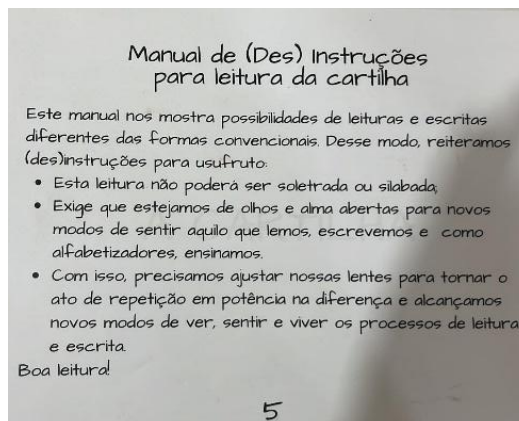
A obra se compõe com a trajetória acadêmica. O regador vem preenchido com os estudos nas disciplinas da Pedagogia e minhas ideias preconcebidas sobre Alfabetização. Também possui uma face coberta por sementes de milho espalhadas e plantas que brotam de um solo, na obra florescem rosas vermelhas e galhos que se cruzam e seguem por direções diversas, elementos que emergiram com as ICs e grupo de pesquisa. O preenchimento do regador não sabe o que rega. Esta obra é retratada em plano de fundo durante toda a cartilha.

Figura 1: Biocolagem “AlfabetizArte-se”

Figura 2: Manual de (des)instruções



Fonte: Silva Neta, 2023.

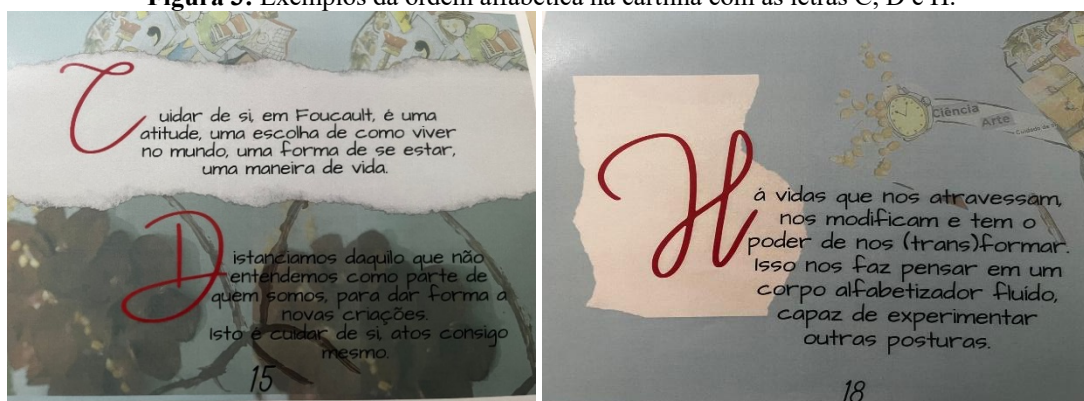


Fonte: Silva Neta, Aikawa e Costa, 2023.

A cartilha começa com um manual de (des)construção para sua leitura. Em meio a isso, traz a silabação em ato contrário ao gaguejar em nossa própria língua e como uma “boa” cartilha, se organiza em ordem alfabética (Figura 3).

Figura 03

Figura 3: Exemplos da ordem alfabética na cartilha com as letras C, D e H.



Fonte: Silva Neta, Aikawa e Costa, 2023.

Essa cartilha alinhada com a filosofia da diferença, oportunizou uma docência alfabetizadora que se movimenta constantemente em (des)aprender. Preenchida por autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Jacques Derrida, suas escritas de pensamentos que perpassaram nas autoras ao estudá-los e viver à docência. Muito nos

potencializou quanto a esse (re)pensar alfabetização frente ao cuidado de si foucaultiano, para possíveis multiplicações de (re)criações. As frases retratam acontecimentos de uma trajetória docente, a qual cruzou com comunidades indígenas, rememorou a infância, questionou o ser “bom” professor, sendo fugitiva do ato da repetição, do ato do fazer, mas que busca a aproximação da repetição na diferença.

Uma alfabetização que borra a ideia de ciência e multiplica as possibilidades de fazer, ver e dizer as coisas da vida pela invenção. Uma espécie de natureza científica do exercício docente, ou talvez, a *(des)cartilhar* de um professorar, quiçá a arte da ciência alfabetizar.

Sendo assim, o ato de aprender é feito de novos caminhos. Aprendizes sobre todos nós, agentes da educação, isto porque para dar novos sentidos à docência, a arte e a ciências é preciso ousar no processo de criação de materiais pedagógicos. “Desregular a natureza” é olhar diferente. Trata-se de construir uma nova relação na constituição do saber, no qual o conhecimento vai muito além do dito e do lido em livros ou folhas avulsas. É a sabedoria de quem aprende formado pela experiência do tocar, do sentir, do ver e do ouvir neste percurso formativo que nos leva a entender o quanto somos integrantes da natureza, o quanto pertencemos a uma história a partir do momento em que nos relacionamos com os elementos constitutivos desse ato pulsante.

Espera-se o uso da ferramenta da (des)construção para esta leitura sensível, visto que passando pela teoria tradutória, a interpretação e apreciação do material possibilitará entendimento subjetivo afim de ressignificar e movimentar inquietudes, para a vida pulsar em outros lugares, devires, outras formas de pensar-sentir-fazer uma docência alfabetizadora outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aspirados pela leitura, a intencionalidade é trazer novos modos de ver a docência. Ao se depararem com este processo de escrita movimentada pela arte e ciência através da biocolagem, assim como o corpo material pulsando a diferença, refletimos nossas próprias ações, nos vendo nas mais diversas posições: docentes, pesquisadores, leitores e escritores. A (trans)formação possibilita a constituição balizada no cuidado de si, podendo ser retomado a qualquer momento, qualquer ação para a ressignificação da existência não é tardia.

Há pistas registradas nesta docência. Em um modo contínuo de ocupação em diversos espaços, iniciando no próprio período de formação inicial. Acolher a ideia é afirmar um compromisso com os processos alfabetizadores, com os textos, métodos, atividades. Pois carregam em si, traços daqueles que os propõe, nos inscrevemos naquilo que produzimos e ensinamos. Saber mais sobre nossas sementes e flores para reflorestar os jardins.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edson Peixoto. **A filosofia do acontecimento em Deleuze**. O manguezal, v.1, n.2, a.2, pp. 6 - 18, jan - jun, 2018.

CORAZZA, S.M; Et.al. **Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio a vida**.educ. Esqui. São Paulo, v.40, n.4, p-1029-1044, out/dez.2014.

CULLER, Jonathan. **Sobre a Desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

CHAVES, Silvia. Um chão sem fronteiras: ciências e arte na sala de aula. In.: FERREIRA, Marcia Serra [et. al.]. **Vidas que ensinam vida**. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal,2006.

FERREIRA; Élida, OTTONI, Paulo. **Traduzir Derrida; políticas e desconstruções**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREITAS, Alexandre Simão. **Michael Foucault e o "cuidado de si", a invenção de formas de vida resistentes na educação**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-190, jul-dez. 2010.

GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. In Anais do II Congresso Internacional cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GOMES, Marcel Maia; FERRERI, Marcelo; LEMOS, Flávia. **O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político contemporâneo**. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 189-195, ago. 2018.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA NETA, Ana Maria Xavier da; AIKAWA, Monica Silva; COSTA, Mônica de Oliveira. **Uma docência alfabetizadora**. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, Grupo de Estudos e Pesquisas Vidar em In-Tensões, 2023.